

## A DESESTRUTURAÇÃO DAS FAMÍLIAS PELO ALCOOLISMO

**Natália de S. Nascimento<sup>1</sup>, Adriana T. Prestes, Poliana F. Silvestre, Yara Oliveira de S. S. Araújo, Nancy Julieta Inocente<sup>2</sup>.**

1- Rua dos Carijós, 316, Barra Velha – C.E.P. 11.630-000 – Ilhabela-SP. E-mail: nataliasantana25@bol.com.br.

2- Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FCSA – Universidade do Vale do Paraíba – Av. Shishima Hifumi, 2911, Urbanova – 12244-000 – São José dos Campos-SP.

**Palavras-chave:** Justificativa, objetivos, resultados, conclusão

**Área do Conhecimento:** VI- Ciências Sociais Aplicadas

### RESUMO

Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), o alcoólatra é o bebedor excessivo, cuja dependência do álcool causa-lhe transtornos na sua saúde física e mental, nas relações interpessoais e na sua função social e econômica, necessitando de tratamento. A família é a base de toda sociedade, um lar onde existe respeito e compreensão ajuda a família a viver bem em sociedade, aqui entra o álcool como meio de desestruturação familiar, pois o alcoolismo é a terceira doença que mais mata no mundo só perde para as doenças de coração e câncer, só que não se houve dizer que um canceroso espancou mulher, filhos, num lar assim falta carinho, amor e conseqüentemente faltará tudo. Diante do que foi falado lançamos a seguinte problemática: “Como o alcoolismo afeta as famílias na visão dos participantes das reuniões dos Alcoólicos Anônimos?”, e, delimitamos o A. A. do bairro de Santana, em S. José dos Campos, com o objetivo de descobrir o perfil do alcoólatra e sua percepção sobre a influência do álcool no relacionamento familiar.

### TRABALHO

Como o alcoolismo afeta as famílias, na visão dos participantes das reuniões dos Alcoólicos Anônimos do bairro de Santana em S. José dos Campos? Justificamos nossa problemática com base em alguns autores: “Para Alcoólicos Anônimos, o alcoolismo é uma doença progressiva, espiritual e emocional, tanto quanto física. Segundo a O.M.S. (Organização Mundial da Saúde), o alcoólatra é o bebedor excessivo, cuja dependência do álcool causa-lhe transtornos na saúde física, mental, nas relações interpessoais e na sua função social e econômica, necessitando de tratamento. O alcoolismo atinge qualquer pessoa, desde o mais pobre ao mais rico, é causado por fatores de ordem biológica, psicológica ou social. A pessoa pode se tornar alcoólatra por modismo, imitação e até profissão que exija isso dele, também problemas trazidos pela adolescência, no trabalho, angústia, solidão e desajustamento familiar” (FERRARINI, 1984), que, é do que nós trataremos. “A família é a base da sociedade, um lar onde existe respeito e compreensão por parte dos pais com os filhos e vice-versa, prepara a família para viver bem em sociedade, os filhos, sentem-se mais confiantes em enfrentar o mundo competitivo em que vivemos. Do contrário, um lar onde pais e filhos não se entendem, onde os pais falham na missão de bem educá-los e lhes ser exemplo, se sentem

derrotados, faz com que os filhos sigam pelo mesmo caminho” (KALOUSTIAN, 1994). “Aqui entra o alcoolismo como meio de desestruturação familiar: o alcoolismo é a terceira doença que mais mata, só perde para as doenças do coração e para o câncer, não é exagero dizer que o alcoolismo chega a ser até mais grave do que o câncer, pois, não se houve dizer que um canceroso espancou esposa, filhos. O alcoólatra, ao chegar em casa estabelece o pânico: o primeiro a levar um pontapé é o cachorrinho que vem ao portão fazer festa com a sua chegada, os filhos se escondem de baixo da cama, a mulher esbugalha os olhos de terror, falta amor, carinho, e conseqüentemente faltará tudo, pois ele perderá o emprego ou gastará tudo no bar” (FERRARINI, 1984). Para curar o alcoólatra é preciso amor, pois todos os métodos para o curar necessitam de compreensão e paciência, não é só interná-lo e achar que acabou o problema, e, no que diz respeito à grupos de ajuda, é importante que a família incentive e participe das reuniões junto com ele. Diante do exposto lançamos como objetivo geral: identificar o perfil do alcoólatra, que frequenta as reuniões do A.A. (Alcoólicos Anônimos) do bairro de Santana em S. José dos Campos. E objetivo específico verificar sua percepção sobre a influência do alcoolismo no relacionamento familiar. A metodologia utilizada foi a pesquisa de levantamento bibliográfico e explorativa através de questionário qualitativo e

quantitativo elaborado pelas pesquisadoras contendo dez perguntas de caráter fechado. Não escolhemos um determinado número para compor a amostra devido ao número reduzido de participantes, uma média de 1- Idade: 39 a 45 anos – 40%; mais de 45 anos – 60%. 2- Sexo: Homens – 86,7%; Mulheres – 13,3%. 3- Escolaridade: 1º grau incompleto – 46,6%; 1º grau completo – 6,7%; 2º grau completo – 33,3%; 3º grau incompleto – 6,7 %; 3º grau completo – 6,7%. 4- Estado civil: Solteiro – 33,3%; Casado – 40%; Separado – 26,7%. 5- Trabalha: Sim – 80%; Não – 20%. 5.1- Se, sim: Funcionário público – 20%; Autônomo – 40%; Empresa privada – 13,3%; Outros – 6,7%. 5.2- Se, não (qto. tempo desempregado): Mais de 1 ano – 6,7%; 2 anos ou mais – 13,3%. 6- Tem filhos: Sim – 80%; Não – 20%. 6.1- Se sim, qtos.: Um – 20%; Dois – 33,3%; Três – 20%; Quatro – 6,7%. 7- Qto. tempo participa do A. A.: 1 mês – 6,7%; 6 meses – 6,7%; 1 ano – 6,7%; 2 anos – 6,7%; 2 anos e meio – 6,7%; 4 anos – 6,7%; 5 anos – 20%; 7 anos – 6,7%; 10 anos – 13%; 13 anos – 6,7%; 16 anos – 6,7%; 26 anos – 6,7%. 7.1- Com que anos, que não concluiu o primeiro grau, casado, com dois filhos, e, trabalha como autônomo. Como podemos ver, a maioria tem percepção de que seu problema afetou a família de diversos modos, sendo mais constante as brigas com esposa, filhos. É importante salientar também que a maioria deles foi incentivado a procurar o A. A. pela própria família, o que mostra que ela também percebia que o problema não só afetava o alcoólatra como também ela própria, mostra também que procurando ajuda acreditava-se na recuperação dele. Também é visível pelos resultados que a maior parte deles sofreu rejeição, seja no trabalho ou em outros locais, pelos amigos e até pela própria família. O que é interessante deixar bem claro também, é que apesar de termos visto que a maioria nem concluiu o primeiro grau, existem entre eles participantes que concluíram ou chegaram a cursar ensino superior, o que nos leva a pensar que não é só “pobre, peão, sem instrução que bebe”, mas, qualquer um, o alcoolismo não escolhe “cor, credo ou classe social”, é uma doença que como outra qualquer estamos sujeitos a ela. Outro dado interessante também é o tempo que participam do A. A. e a frequência. Sabem que nunca estarão totalmente curados, nunca poderão voltar a beber socialmente e que é importante a participação no grupo e o contato com outras pessoas que passam por mesma situação para controle de seu problema. Concluímos que está pesquisa teve um significado positivo para nós, pois, aprendemos muito com ela deixando de lado

quinze por reunião, o que prejudicaria no alcance de nossos objetivos. Foram aplicados exatamente quinze questionários e obtidos os seguintes resultados:

freqüência: Todas as reuniões – 80%; 1 vez por semana – 6,7%; Qdo. acha necessário – 13,3%. 7.2- Quem incentivou a procurar o A. A.: Amigos – 20%; T.V., rádio, jornal – 6,7%; Familiares – 46,6%; Iniciativa própria – 26,7%. 8- Sofre ou sofreu rejeição: Pelos amigos – 26,7%; No trabalho – 6,7%; Pela família – 26,7%; Outros locais – 13,2%; Nunca sofreu rejeição – 26,7%. 9- Reação da família: Incentivou a procurar ajuda – 60%; Não compreendeu – 33,3%; Se afastou – 6,7%. 10- Sente que o problema afetou a família: Sim – 86,7%; Não – 13,3%. 10.1- Como: Brigas com esposa, filhos – 46,7%; Ocasionou separação – 13,3%; Perdeu o emprego – 6,7%; Deixou de se preocupar com problemas referentes ao lar – 20%. Pelos dados obtidos, podemos traçar o perfil do alcoólatra que frequenta as reuniões do A. A. (Alcoólicos Anônimos) do bairro de Santana em S. José dos Campos: homem com mais de 45 muitos preconceitos. O álcool é uma droga, destrói sonhos, vicia e faz com que se viva em função dele. O alcoólatra não deve ser visto como alguém que bebe por sem-vergonhice ou porque não tem o que fazer, mas, como um ser humano que como qualquer outro está sujeito a erros, merece toda compreensão e ajuda, pois é um doente e como já foi falado sua doença não afeta só a si próprio mais também a família que deve procurar ajudá-lo da melhor maneira possível para que possa se recuperar e viver uma vida normal. Não podemos deixar de citar o A. A. e o grande trabalho que faz, buscando mostrar ao alcoólatra que ele pode ser mais forte do que o álcool, que não está sozinho, que existem pessoas com o mesmo problema, com quem pode trocar experiências, ajudando e sendo ajudado na busca de uma vida verdadeiramente feliz.

**BIBLIOGRAFIA:** FERRARINI, E. O que devem saber pais, professores e jovens: Tóxico e Alcoolismo. 7ª edição. DAG, S.P.: [1984].

KALOUSTIAN, S. M. Família brasileira, a base de tudo (Brasília, D.F. UNICEF). Cortez, S.P.: 1994.

PRADO, D. O que é família. Brasiliense, S.P.: 1985. (Coleção Primeiros Passos).

WINNICOTT, D. W. A família e o desenvolvimento individual. Trad.: Marcelo Brandão Cipolla. Martins Fontes, S.P.: 1993.

DUCHENE, H. Tratamento do Álcool. Paulinas, S.P.: 1994.